

A LÍNGUA PORTUGUESA COMO CÓDIGO FUNCIONAL E ESTÉTICO: A (RE)DESCOBERTA DO PRAZER DE LER

Maria Teresa Gonçalves Pereira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Muitos estudos de Língua Portuguesa hoje rotulam-na de difícil e complicada, cheia de regras e exceções, exercícios maçantes e massivos, adestrando crianças, jovens e adultos para competições em que a resposta correta deve ser dada sem nenhuma preocupação com considerações de ordem estética, funcional ou crítica. Todos os seus usuários, em qualquer nível, sentem-se sacrificados no contato tedioso com a língua materna. Listas, relações de palavras, atividades confusas, ordens herméticas, tudo se permite na crença de que os fins justificam os meios para a manipularem “corretamente”.

Infelizmente isso é feito da maneira mais inadequada possível. O pano de fundo ainda permanece aquele onde o tradicional (no mau sentido), o ortodoxo, o estereotipado se constituem em modelos.

Como donos e usuários da Língua, temos de administrá-la e percebê-la de maneira funcional, estética e crítica. O bem falar e o bem escrever não significam passividade. Cabe-nos, no entanto, ser agentes de um processo, proceder a uma diária celebração das situações que nos permitem fazer com que tal Língua se integre às nossas vidas.

Não há dúvida de que os estudos gramaticais são básicos e insubstituíveis. Não para repetirmos e concordarmos com o que os grandes mestres escreveram; mas, para depois de profundamente conhecê-los em suas formulações, teorias e conceitos, exercermos a reflexão crítica. Sempre dizemos que a tradição e a modernidade devem andar juntas. A tradição propiciou que os estudos evoluíssem, avançassem, se desenvolvessem. Em nome de uma pretensa modernidade não se pode jogar fora um cabedal inesgotável de conhecimentos eternos e universais. Apenas é fundamental, depois de internalizá-los, ir além, em busca de outras alternativas, outros caminhos para procurarmos a plenitude que só uma língua viva nos pode proporcionar. Contamos com o potencial de que a nossa Língua é detentora nas suas formas, estruturas, sons, palavras, frases e períodos.

É extremamente redutor, pobre e simplista o que fazemos com o estudo da Língua, priorizando os lugares-comuns, as regras, as imposições, os limites de algo que naturalmente não os tem e que pode, pela sua invenção e originalidade, proporcionar realmente um conhecimento maior e visceral, não só numa situação escolar, momentânea, mas na própria vida.

Estudar Língua Portuguesa para conhecê-la não é de maneira alguma dividir e classificar orações, classificar vogais e consoantes, dar a função sintática das palavras, saber se é com *s* ou *ç*. É isso tudo, num determinado e necessário momento, mas de maneira nenhuma *só* isso. Trata-se de total desperdício que um professor (profissional de Língua?) deixe ficar no seu ouvinte e/ou expectador (aluno) tal idéia. Sempre acreditaremos num olhar inteiro(iço) para os estudos lingüísticos sem intenções ortodoxas.

Não é de hoje que os alunos da Faculdades de Letras, de maneira geral, terminam a Graduação com a sensação de que nada sabem, sendo tomados de pânico ao se depararem com as turmas sob sua responsabilidade.

Dentre os motivos possíveis que explicam tal comportamento, pensamos que um dos mais importantes seja aquele referente ao fato de como foi ministrada a Língua Portuguesa. O ensino dos conteúdos específicos vistos por meio de conceituações, normas, teorias dissociadas do texto, da falta de concretização plena do que lhes passaram

abstratamente contribui para a sensação de vazio, de despreparo para exercerem o ofício pelo qual optaram.

Os alunos não vivenciam a gramática de uma língua. Não fazem reflexões críticas sobre ela. Não a constroem junto com o professor. Recebem-na através de verdades absolutas, sem transferirem os conhecimentos. Entretanto, não são os únicos culpados já que não lhes mostraram alternativas de perceberem as finalidades dessa língua viva de que se servem, mas de que se utilizam com tanta parcimônia e inadequação.

É evidente — e nunca diremos o contrário — que a teoria gramatical, aí incluindo a Fonética/Fonologia, Morfologia, Sintaxe deve ser ministrada. Através de estudos sincrônicos e diacrônicos, as gramáticas normativa e descritiva precisam ser exaustivamente analisadas para que se conheça o sistema lingüístico em todas as suas manifestações. Só que não podemos parar aí, mas continuar, admitindo que tais conhecimentos não são suficientes, ficando isolados e distantes da realidade (lingüística) em que nos inserimos em todos os instantes e contextos da vida e com qualquer registro ou discurso.

Ao estudante de Letras cabe perceber que a língua materna se calca em matrizes especiais que a tornam rica e variada, instigante e criativa.

As mesmas alegações que a fazem ser considerada uma língua complicada — com excesso de regras e exceções — servem, vistas sob outro enfoque, para mostrar as infinitas possibilidades de uso e criações, revertendo a “fama” que carrega.

E o que se entende por “ir além”? É transferir o conhecimento teórico para qualquer tipo de texto. É concluir que as teorias se transformam em prática efetiva quando lemos ou falamos. A gramática de uma língua está no texto, não sob forma de regras e conceitos abstratos e distantes, mas concretizada para que a vivenciemos, finalmente encontrando o motivo para o seu estudo.

O professor-orientador tem de estar (cons)ciente do seu papel, da sua responsabilidade em transmitir tal postura aos alunos. Caso isso não ocorra, o ciclo se repetirá para sempre. Os que saem das Faculdades de Letras vão ensinar a Língua da maneira que aprenderam e, conseqüentemente, seus alunos a receberão assim, ratificando posturas ultrapassadas por não entenderem a razão daquele estudo tão árido e apartado da realidade.

Há, entretanto, outro aspecto essencial a ser considerado: a Leitura.

É importante explicarmos bem porque Leitura e não Literatura. Evidentemente que o primeiro motivo é a sua abrangência. A Leitura pressupõe, inclui a Literatura.

Creemos também que faz parte da formação do indivíduo ser cidadão no que a palavra e conceito têm de verdadeiro. Ser cidadão não é só ocupar um espaço no mundo, é saber porque se está ali, a sua função, a interação com o mundo, a sua responsabilidade, a crítica que faz de si, do outro, do contexto, como interação. Isso é proporcionado pela Leitura quando abre o seu leque de possibilidades segundo os variados discursos existentes: literário e não-literário, prosa e poesia, incluindo-se aí o jornal, a revista, os quadrinhos, a propaganda, a lenda, a parlenda, o cordel, dentre tantos outros.

Já que nos colocamos sobre o tipo de estudo lingüístico em que acreditamos, temos de proceder igualmente em relação à Leitura.

Não nos ocupamos da leitura obrigatória, imposta, passível de avaliação, questionário interpretativo e outras atividades que afugentam o possível leitor. Referimo-nos à leitura enquanto fruição, prazer estético, envolvimento puro e simples. Tratamos daquela Leitura que prende de tal modo, que é impossível parar. Assim, um texto considerado difícil como o de Camões, tão execrado porque serve para “as análises sintáticas da vida”, dela também faz parte.

A leitura sempre foi vista nas escolas como atividade obrigatória e/ou enfadonha. Mesmo aqueles que gostam de ler, às vezes, se desmotivam pela maneira como são

orientados para a formação de “hábitos”. Não nos alongaremos aqui quanto às teorias de leitura, crenças e outras questões muito específicas.

Precisamos propagar a idéia de que o ato de ler pode e deve ser prazeroso, envolvendo a possibilidade de um crescimento sociocultural harmonioso, além do genuíno encantamento que proporciona.

Diante de um texto, nos devemos habituar a explorar-lhe a linguagem, tentando desvendar os seus mistérios, relacionando-nos intimamente com ele, tendo prazer no seu convívio. Será uma leitura com olhos de ver, não uma leitura panorâmica ou cosmética. O estilo do autor, então, se desvelará, deixando entrever os recursos e a urdidura de que se valeu. Literário ou não, o texto possui marcas, sinais que o torna único, invulgar. O analista terá reais condições de identificar as possibilidades estilísticas utilizadas porque estará considerando a totalidade dos resultados, e não determinado ponto de vista. É importante deixarmos claro que o termo “análise” não está aqui considerado como mera decomposição fria. Entendemo-lo por estudo profundo e pleno.

Quando se lê com deleite, num exercício de pura fruição, conjugando o conteúdo (história, mensagem) com a expressão (linguagem), consegue-se algo que para muitos seria absolutamente impossível: transformar a Língua Portuguesa, na percepção de tantos, enfadonha, difícil e pouco digerível nas suas regras, exceções e limites, em instrumento de imenso prazer e novidade porque nos está sendo apresentada através do texto.

Então, parece-nos perfeito e mais do que oportuno se, levando o aluno a vivenciar essa gramática da língua na prática (no texto), despertamo-lo para a importância cultural da leitura.

Evidentemente que um texto de Guimarães Rosa com suas possibilidades quanto à formação de palavras ou uma música de Chico Buarque quanto às imagens apresentadas não serão dissecados a ponto de fazê-los perder a beleza estética. O caminho é levar o aluno a se dar conta da existência e do papel do fato lingüístico-gramatical responsável pelo produto final que é o texto, sem deixar de deliciar-se sensorialmente.

Vivemos um raro e fundamental momento na comunidade lingüística (acadêmica ou não) de que participamos. Há um clamor generalizado por parte de professores e alunos dos mais diferentes níveis para que se mudem os rumos das metodologias e estratégias para a abordagem dos estudos de Língua Portuguesa.

Ninguém pretende ser “contra” a gramática: ela é inerente às línguas. Uma língua é um duplo sistema: de sinais (vocábulos, expressões, etc.) e de regras de combinações desses sinais, chamados de gramática.

O que preocupa é a maneira de ensinar a língua materna, as noções falsas, a visão distorcida de que não se pode abandonar um posicionamento tradicional sem causar sérios danos à sua estrutura.

Por isso, acreditamos que há necessidade da busca de outros caminhos que nos levem a estudar (perceber) a língua como organismo vivo que é, com todas as suas idiosincrasias, de modo pleno, manipulando-a naturalmente como usuários que somos.

Pensamos ser bastante relevante tal tipo de estudo na medida em que tenta resolver dois problemas cruciais do ensino de língua materna: proporcionar motivação aos conhecimentos teóricos que os alunos adquirem por necessidade de um currículo que os embase com consistência e profundidade e resgatar o sentido do ato de ler, numa ótica mais atraente, atribuindo ao texto funcionalidade e prazer estético. O encanto e a magia que nos envolvem ao lermos é proporcionado — embora não nos demos conta — pela estrutura daquele texto, pela escolha das suas palavras, pelo aspecto formal de seus vocábulos, pela, em última análise, maneira como o seu produtor (autor) arruma os fatos da língua nos planos fonológico, morfossintático e léxico-semântico para nos apresentar sua obra. João Cabral de Melo Neto em *Escritos com o Corpo* diz sobre a língua: “Ela tem tal composição / e bem entramada sintaxe / que só se pode aprendê-la / em conjunto: nunca em detalhe”.

Resumidamente, podemos mostrar como se realiza uma atividade ligada à proposta.

O professor escolhe um texto, apresenta-o ao aluno, sem qualquer tipo de questionamento ou preocupação com objetivos lingüístico-gramaticais a serem alcançados. Orienta-o apenas a que, após lê-lo, fale sobre ele: as palavras, as frases, a pontuação, enfim, tudo aquilo que o compõe, atentando para o que lhe chama a atenção e para, enfim, o que entrou na sua elaboração funcional ou esteticamente (ou outras palavras que o valham). Sem perceber, o aluno estará falando da gramática da língua, o que aprendeu (ou não) sistematizadamente (ou não). Constatará que todos os “fatos da língua” estão ali presentes na linguagem escolhida pelo produtor daquele texto para chegar até ele.

Acreditamos que, se o aluno sentir-se (e efetivamente sendo-o) **agente do seu próprio conhecimento**, um sentimento de segurança e aceitação lhe dará condições de apre(e)nder a língua materna para a vida e não para cumprir qualquer atividade do currículo, enfim, por obrigação. Ser **agente do seu próprio conhecimento** demanda descobrir, inquietar-se, refletir, criticar, extrapolar, articular, propor, ousar. O professor secundará suas ações, sabiamente, deixando-o desabrochar em meio a uma gama de possibilidades lingüísticas e culturais infinitas.

Procuramos, desde o início, juntar a Língua portuguesa à Leitura. Posicionamo-nos firmemente em relação ao ensino da língua: não há caminho que não passe, comece nem termine pelo texto. Constitui-se na razão de tudo. As várias tipologias, os gêneros, tudo se relaciona à Leitura, já que, em última análise, se estudamos um fragmento do texto (não falamos do livro de leitura suplementar ou paradidático), se nos empenhamos, realizando uma atividade prazerosa, é lícito supor que aquele fragmento vai servir de motivação, “propaganda” para que se busque o original completo a fim de saciar a curiosidade e, automaticamente, aumentar o deleite. Assim, cumprimos dupla finalidade: servir à Língua Portuguesa e à Leitura.

Então, o texto é nosso *corpus*, é nosso vir a ser, não deixando de olhar para trás, para os lados, numa atitude permanente de abertura, dispostos a considerar as descobertas do aluno, encorajando-o a prosseguir em suas “travessias” lingüísticas.

Não há preocupação com nomenclaturas, termos técnicos. Se o aluno dominá-los, já os tiver internalizado, falará; se não, mostrará, à sua maneira, como percebeu o fato. Se for o caso, misturará os dois procedimentos: ora dirá a nomenclatura, ora explicará com suas próprias palavras. Não é relevante. O que nos importa verdadeiramente é se visualizou (e percebeu) o fenômeno lingüístico. Essa situação também vai depender muito do nível de ensino. A propósito, o poeta brasileiro Manuel de Barros dá sua contribuição quando diz que “*a ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá, mas não pode medir seus encantos. Quem acumula muita informação, perde o condão de adivinhar: divinare. Os sabiás divinam*”.

O único procedimento indispensável, não podendo faltar nunca, é o papel de **protagonista** do aluno na atividade. Ele falará, ele se manifestará lingüisticamente sem quaisquer limitações, sem se sentir obrigado a nada, sem coerções sequer esboçadas. O objetivo maior é o estudo lingüístico do texto. Entretanto, o tipo de atividade que propomos — pela sua total liberdade de intervenções — dá margem a que outras situações da Língua Portuguesa se manifestem, como interpretações, análises literárias e/ou afins. Acrescenta bastante ao estudo pleno da língua em que acreditamos, porque, inclusive, quase sempre a explicação para determinada forma é motivada por determinado conteúdo. Assim, não renegamos quaisquer contribuições, até as incentivamos.

Evidentemente, o que mostramos é uma pequena parte do processo, gerado espontaneamente ou induzido pelo professor que se presume com sensibilidade, intuição e conhecimento lingüístico para a atividade.

No início há, sem dúvida, desconfiança por causa do aspecto informal da situação, mas, após as sessões iniciais, os alunos sentem-se à vontade para “viver” a língua nos dois

níveis pretendidos: funcional e estético, exercendo a condição de usuários em plena posse de seus direitos lingüísticos.

Observarão, por exemplo, que o adjetivo não serve só para qualificar. Terá muitas funções e valores, podendo aparecer até sob forma de um ponto de exclamação. Começaremos nos terrenos gramaticais e os expandiremos, extrapolando seus limites.

Façamos nossas as palavras da conceituada professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ, Cleonice Berardinelli, em certa entrevista, publicada pelo *Jornal do Brasil* do Rio de Janeiro, ao comentar o itinerário histórico-literário da Língua Portuguesa: “*debater a Língua Portuguesa é uma forma de fazer com que a língua se torne apenas esplendor, evitando que morra ou vire sepultura, de forma a negar o destino cantado em versos por Olavo Bilac, o de que a Flor do Lácio era esplendor e sepultura*” (...) “*a língua tem que ser um organismo vivo, portanto, para dar força e vida à cultura dos países lusófonos*”.